

Sexualidade e Adolescência: É Preciso Vencer os Tabus

Área Temática de Educação

Resumo

A sexualidade é inevitável, inexorável e irremovível no ser humano desde o nascimento sendo na adolescência que ela começa a ser vivenciada com mais intensidade. Objetivos: O objetivo deste trabalho foi refletir e construir significados juntos as percepções e representações das adolescentes sobre a sexualidade, prevenção e contracepção. Utilizou-se a metodologia numa perspectiva de intervenção, utilizando-se de oficinas educativas sobre os temas da sexualidade, abrangendo desde a temática gênero, até prevenção de infecções sexualmente transmissíveis/aids e gravidez não planejada, buscando conhecer o nível de conhecimento das adolescentes sobre os temas abordados a cerca do assunto. Os resultados indicam que os métodos contraceptivos mais conhecidos pelas adolescentes são método hormonal (pílula) e a camisinha masculina, esta concebida para prevenir as infecções sexualmente transmissíveis/aids, como para evitar a gravidez. Nota-se que pouco conhecem e conversam sobre sexualidade na escola, tampouco nas famílias. Concluímos que das representações de gênero transmitidas perpassam a idéia que ao homem pertence integralmente o espaço público e à mulher o espaço privado, contudo a necessidade de abordagem sobre o assunto é fundamental desde a família à escola.

Autores

Macilene Severina da Silva, Graduanda de Economia Doméstica
Marcelo Rodrigues da Silva, Graduando de Economia Doméstica
Maria de Fátima Paz Alves, Prof. Ms. do Departamento de Ciências Domésticas

Instituição

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Palavras-chave: sexualidade; adolescentes; gênero.

Introdução e objetivo

Podemos entender a adolescência como uma fase de indefinição, de transição, e ainda, um período passível de conflitos e crises, porém um período de busca de liberdade. Enderle (1998) comenta que a adolescência é tomada no ocidente “como um período crítico” e até como uma crise de independência para afirmar-se a si próprio. A adolescência por sua vez apresenta características psicológicas não necessariamente universais, que se diferenciam em contextos culturais distintos. A puberdade é um fenômeno universal, para todos os membros de nossa espécie, como fator biológico.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu na Reunião sobre Gravidez e Aborto na Adolescência, em 1974, um conceito de adolescência, caracterizada como uma fase do desenvolvimento humano em que:

“a. O indivíduo passa do ponto do aparecimento inicial dos caracteres sexuais secundários para a maturidade sexual.

b. Os processos psicológicos do indivíduo e as formas de identificação evoluem da fase infantil para a fase adulta.

c. Ocorre uma transição do estado de dependência econômica total a outro de relativa independência” (OMS, 1975 apud REIS, 1993).

Analisando o exposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) podemos notar que ela contempla a adolescência desde o aspecto biofisiológico, psicológico até o social.

Na adolescência fatores de ordem biológica, psicológica e social estão concorrendo para a formação da identidade sexual. Fatores biológicos desencadeados pelas secreções de hormônios vão provocar alteração no corpo, desde o crescimento e desenvolvimento das características sexuais secundárias até a maturação do aparelho reprodutor, tornando homens e mulheres aptos para a reprodução. Estas mudanças são sentidas também na esfera psicológica visto que as alterações no esquema corporal fazem com que o(a) adolescente tenha que reestruturar em nível intrapsíquico a representação de seu próprio corpo.

No âmbito social, uma gama variada de estímulos atinge os(as) adolescentes. Nos últimos tempos, principalmente, eles(as) são provenientes dos meios de comunicação de massa. A velocidade e a intensidade de penetração com que esses meios atingem as culturas têm sido muito intensas chegando a suplantar a possibilidade de assimilação e a distorcer culturas tradicionalmente estáveis, de qualquer forma, o ambiente sociocultural tem se mostrado mais receptivo aos temas da sexualidade (DUBEUX, 1998).

Sendo a sexualidade o eixo em torno da qual vai progressivamente se estruturando a identidade adulta é na adolescência que se busca sua afirmação.

O termo sexualidade designa: a condição de ter sexo, de ser sexuado. Assim, a condição da sexualidade humana é inevitável, inexorável e irremovível. Em nenhum momento de sua existência a pessoa encontra-se isenta de sexualidade. Desde o nascimento, a criança-fêmea e a criança-macho passam a receber influências socioculturais através da família (ou instituição que a substitua), ampliando o conceito de sexualidade para o chamado sexo da criação. Assim, passam a existir “meninas” e “meninos” onde havia “fêmeas” e “machos” respectivamente (RIBEIRO, 1993).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que a sexualidade humana é parte integrante da responsabilidade de cada um. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. É energia que motiva a encontrar o afeto, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas se tocam e são tocadas (BOLETIM, 2000).

O ser humano nasce com um sexo, mas os comportamentos, desejos e sentimentos têm uma ligação direta com a forma como as relações de gênero estão organizadas na sociedade. Dubeux (1998) enriquece esta última sentença afirmando que embora o ser humano possua impulsos sexuais como qualquer outro mamífero, a sexualidade humana é tecida nas malhas da cultura e vai se constituindo na relação com o grupo cultural em que está inserido.

Viver a adolescência e aprender a lidar com a força da sexualidade numa sociedade que passa por grandes transformações como a nossa, é particularmente desafiador (SILVA, SILVA & DUBEUX, 2003).

Geralmente as informações transmitidas aos jovens sobre sexo costumam fundir aos aspectos relativos a reprodução humana com informações sobre sexualidade. Ensina-se sobre espermatozoides, óvulos, ovários, fecundação, gestação e parto e nada ou bem pouco sobre o coito, o orgasmo, a relação sexual, a anatomia do prazer ou ainda os meios de prevenção das doenças.

Para Dubeux, (1998) a questão da educação sexual se insere confortavelmente em qualquer estudo sobre o período da adolescência. Ela faz distinção entre educação sexual e orientação sexual dizendo que costumeiramente ambos os termos são usados na linguagem corrente, mas podem ser diferenciados entre si. Educação é um processo ao qual todos somos submetidos. Caracteriza-se por ser um processo ininterrupto através do qual vamos formando nossa opinião, desfazendo-nos de coisas que nos parecem superadas e transformando nossos pensamentos. Quanto à orientação, ela tem um caráter formal, sistematizado e temporário. Várias instituições estão ligadas ao processo de educação sexual, tais como: a família, a

escola, a igreja, a mídia e o grupo de pares com os quais os(as) jovens interagem direta e indiretamente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sugerem uma reflexão acerca da temática da sexualidade como tema transversal no currículo das escolas de ensino fundamental e médio, em virtude de mudanças comportamentais em relação às práticas sexuais dos (as) adolescentes e jovens. Sendo uma manifestação presente desde o nascimento até a morte assume formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Se por um lado sexo é a expressão biológica e define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade, entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural. Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Isso se dá num processo social que passa pelos interesses dos agrupamentos socialmente organizados e das classes sociais, influenciado pela ciência, religião, mídia e sua resultante é expressa tanto pelo imaginário coletivo quanto pelas políticas públicas, coordenadas pelo Estado.

Em experiências de educação sexual vivida por Ribeiro (1993), verificou-se que os (as) alunos (as) se aproximavam cada vez mais das discussões que falavam das emoções, dos medos e prazeres que sentiam, em comparação àquelas que tratavam apenas dos aspectos biológicos e informativos. Este autor continua relatando que, informar só não basta. Nessa perspectiva, compreendemos o trabalho de educação sexual não como um expositor de disciplina, na qual se tem um programa a cumprir. Percebe-se que, com frequência, mais importante do que falar é estar preparado para ouvir, conduzir debates e possibilitar discussões.

A sexualidade tem sido abordada, por vezes, de uma forma insuficiente e simplista, disseminando uma concepção antiga que a articula com reprodução, referindo-se ao contato entre os dois órgãos genitais e à penetração do pênis na vagina, restringido-a assim ao coito.

Além disso, pouca importância tem sido dada aos cuidados com a higiene corporal e métodos contraceptivos, especialmente no que se refere ao uso dos preservativos, como também a métodos profiláticos para com as doenças sexualmente transmissíveis, em geral, Aids, em particular (RIBEIRO, 1993).

Essa reprodução assistemática da orientação sexual resulta da influência dos agentes que não têm a intenção declarada e deliberada de educar pensamentos tais como, em suas múltiplas campanhas nem sempre se dirigem adequadamente ao público jovem. Em geral não se considera também que as questões referentes à sexualidade não se restringem ao âmbito individual. Pelo contrário, para compreender comportamentos sexuais e valores pessoais serão necessários contextualizá-los social e culturalmente (PARKER, 1996).

No trabalho com jovens, especialmente no que diz respeito à sexualidade com adolescentes, o imprescindível é que se parta com toda a atenção e respeito à realidade deles (as), e que não seja focado apenas aquilo que consideramos importante para eles(as) ou o que pensamos que eles(as) gostariam de ouvir. Esse tipo de abordagem, fundamentada na perspectiva construtivista, centrada na realidade histórico-cultural do público alvo, faz com que os (as) jovens se sintam sujeitos participativos em todo o processo de aprendizagem, possibilitando esclarecimentos satisfatórios de tudo o que aflora em forma de dúvidas. A partir dessa perspectiva é que trabalhamos com as adolescentes.

Cada vez mais adolescentes iniciam mais cedo sua vida sexual. As estimativas são alarmantes no que se refere ao número de adolescentes e jovens grávidas e contaminadas (os) com o vírus da aids. A presença da aids atualmente, relacionada aos comportamentos sexuais, traz um alerta às famílias, a escola, ao estado, à sociedade em geral quanto à quebra de “embarços”, tabus e preconceitos quando for abordar sobre o tema sexualidade.

Falar de prevenção, na perspectiva da aids significa abordar, não apenas a temática da sexualidade, mas abordá-la dentro de uma contextualização de práticas sexuais.

A epidemia da aids no Estado de Pernambuco teve início em 1983 e vem apresentando tendências crescentes nas variadas amplitudes da doença. Quanto à categoria de exposição observa-se um crescente aumento do HIV/aids entre heterossexuais e destaca-se também o aumento de infecções entre mulheres refletindo e reproduzindo a feminização da epidemia já alarmante no território nacional.

No mundo até 100 milhões de adolescentes são infectados por uma Infecção Sexualmente Transmitida (IST) curável por ano e 40% das novas infecções por HIV ocorrem na faixa de 15 e 24 anos. Segundo estimativas, cerca de 800 casos novos de infecção por HIV acontecem todos os dias na faixa da adolescência (BOLETIM, 2000).

Todos estes dados implicam numa reflexão onde se percebe que muitos dos adultos hoje infectados pelo HIV adquiriram o vírus ainda na adolescência muitas vezes por falta de orientação e de conhecimento.

Pirotta, (1998) em estudos desenvolvidos com mulheres em idade reprodutiva, identificou que este início se dá na maioria das vezes sem qualquer tipo de orientação sexual ou de acesso aos serviços de saúde, fazendo com que tabus, medos e preconceitos façam parte da vida sexual destas adolescentes e jovens.

Nas questões mais diretamente ligadas à sexualidade humana, a perspectiva de gênero está inevitavelmente presente, pois a definição e vivência da mesma vai depender unicamente da forma como as relações de gênero estão organizadas na sociedade.

Heiborn (1999) descreve gênero como sendo uma categoria fundante no modo como a experiência sexual é vivenciada pelos sujeitos na medida em que as trajetórias masculinas e femininas são radicalmente distintas, não pelas diferenças estampadas em seus respectivos corpos, mas sobre tudo em função da maneira como as expectativas e as aspirações em relação à experimentação sexual são marcadas pelo gênero da tradição ocidental.

Acerca do contexto da sexualidade, gênero pode ser entendido a partir das formas através das quais as diferenças e semelhanças relacionadas com a sexualidade são compreendidas, discutidas, organizadas e praticadas pelas sociedades, que vão além do reconhecimento dos significados físicos e de ser homem ou mulher, incluindo também a compreensão do corpo e da sexualidade, o que requer um exame de fatores culturais e históricos e não simplesmente uma inspeção de genitais. Podemos então entender que, gênero é mais do que a maneira como as pessoas se relacionam, na medida em que transcende a forma como elas são rotuladas pela sociedade em função de serem homens ou mulheres. Gênero é todo um jeito de olhar, de se relacionar, de compreender a realidade e, portanto, é algo que vai influenciar o modo de agir de cada indivíduo.

É nas relações sociais que se definem, por exemplo, os padrões de relação de gênero, o que homens e mulheres podem ou não fazer, por assim serem, e, principalmente, quais deverão ser os direitos da cidadania ligados à sexualidade e reprodução (PCN, 1998). Assim, as desigualdades de gênero contribuem para a consolidação de fortes barreiras dificultadoras do trabalho preventivo e educativo nas áreas de saúde sexual e reprodutiva e da inclusão da sexualidade, causando, portanto muitas opressões.

Objetivos

Geral:

Compreender como as adolescentes vivenciam e representam sua sexualidade.

Específicos:

- Identificar a concepção das adolescentes acerca da sexualidade;
- Analisar o grau de conhecimento sobre os métodos contraceptivos e preventivos;

- Perceber a forma do uso destes métodos nos relacionamentos das jovens e adolescentes.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a que proporcionou a compreensão dos valores inculcados nas adolescentes, onde visualizou-se uma melhor aplicabilidade da intervenção e orientação educativa.

Recife, capital de Pernambuco, tem uma extensão de 220 km², uma população de 1.422.905 milhões de pessoas, deste número 143.700 são do sexo feminino e se encontram na faixa etária de 10 a 19 anos e 142.887 de 20 a 29 anos. Situado ao nível do mar, possui 94 bairros divididos em seis (RPA's) Regionais Político-Administrativas (IBGE, 2000, www.recife.pe.gov.br, www.datasus.gov.br).

A área onde o trabalho realizou-se foi na comunidade Sítio do Berardo situa-se no bairro do Prado, e está inserido na 4ª Regional Político Administrativo (RPA – 4). Possui em média 7.800 habitantes (IBGE, 2000, www.recife.pe.gov.br). A comunidade apresenta características comuns aos aglomerados de baixa renda, originários de invasões e ocupações de terras, predominantes no Município, nos quais podemos destacar: o baixo nível de informação, renda e escolaridade.

A comunidade organiza-se em 5 associações de bairro, possui uma escola municipal e não possui posto de saúde e a prevalência de gravidez e mães solteiras/ maternidade solitária na adolescência é notória, fator que contribuiu para a realização deste trabalho.

As técnicas inutilizadas foram a observação participante e a realização de oficinas.

Nas oficinas foram utilizados recursos áudio-visuais tais como: vídeo sobre sexualidade, mulher e aids. Também foram utilizados como estratégias didáticas: dinâmicas de grupo com textos para discussão e elaboração de cartazes com colagens, exposições orais do resultado dos trabalhos em grupo. Também foi discutida a prática do uso correto dos preservativos masculino e feminino distribuindo-se panfletos informativos/ ilustrativos sobre a temática de prevenção das IST's e aids.

As oficinas tiveram duração de quatro horas e foram realizadas em dois momentos com as adolescentes da comunidade e a participação das adolescentes do (PETI) Programa de Erradicação do Trabalho Infantil perfazendo um total de 18 adolescentes. As adolescentes do PETI participaram das oficinas por estarem na fase da adolescência, morarem no Sítio do Berardo e a temática da sexualidade estar contemplada no programa didático.

Inicialmente foi aplicada uma dinâmica de apresentação para haver um entrosamento do grupo, sendo em seguida exposto o objetivo da oficina sobre sexualidade. Divididas em dois grupos, as adolescentes discutiram um texto sobre gênero e como parte do processo, os dois grupos apresentaram os resultados, listando as coisas que as mulheres gostam de fazer e não fazem por serem mulheres e as coisas que os homens gostam de fazer e não fazem por serem homens e ainda apresentaram as vantagens e desvantagens de ser mulher e vantagens e desvantagem de ser homem. Esta dinâmica possibilitou uma reflexão para perceber a divisão de papéis que homens e mulheres assumem, bem como as atribuições de um e outro que são construídas socialmente. Os outros momentos se deram em discussão no círculo abordando a puberdade, namoro, gravidez não planejada, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis/ aids e a prática dos preservativos masculino e feminino. Nesta etapa cada adolescente vivenciou a colocação dos dois preservativos no modelo pélvico e no pênis de borracha que fazem parte do material educativo utilizado.

Resultados e discussão

Como resultado de uma das dinâmicas as adolescentes declararam que o início da vida sexual seria após encontrarem a pessoa certa e se sentissem seguras.

As adolescentes conversam mais sobre sexo com suas amigas, apenas alguns assuntos são tratados com as mães. Elas procuram amigas, na maioria da mesma idade para conversar, tirar suas dúvidas, e até mesmo contar suas experiências sexuais. Verifica-se, portanto que persistem padrões tradicionais em relação aos papéis, lugares e também temáticas que podem ser abordados no grupo familiar. Onde, por sua vez finge-se ou se oculta que a sexualidade não é uma possibilidade real ou mesmo um fato na vida destas. A sexualidade é concebida pelas adolescentes como algo particular a cada pessoa.

Quanto ao conhecimento dos métodos contraceptivos e preventivos, as adolescentes conheciam a camisinha masculina e já tinham ouvido falar da camisinha feminina; método hormonal: pílula (algumas adolescentes referiram-se a ela como remédio); a injeção: método injetável e a tabelinha, tidos como “calendário”. Diante do exposto, se a iniciação sexual se dá sem a prática da contracepção e a prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, tampouco a aids, a adolescente engravida, e a adolescente assume uma maternidade não planejada e dependendo do caso, um casamento sem estruturação, bem como podem contrair alguma ist/aids.

Conclusões

Concluimos que as adolescentes em sua maioria conhecem alguns métodos contraceptivos, mas apesar disso há a necessidade que elas tomem conhecimento de outros métodos que não seja apenas a pílula, a injeção, e a tabelinha. Nas oficinas que construímos os demais métodos foram-lhes apresentados.

As adolescentes mostraram que suas visões sobre as diferenças entre ser homem e ser mulher, revelam a existência de relações de poder impostas pela sociedade do homem sobre a mulher.

O ciclo de amigos é o preferível para falar e saber questões referentes à sexualidade. O que é dito na escola, informações sobre anatomia e processos orgânicos, na família (discurso repressor), é na roda de amigos (em relação a família e a escola) onde si diz o que se quer escutar. Neste sentido, é interessante que o grupo de amigo(as) e os traços nele existente em função de seu potencial para a comunicação de informações adequadas encaradas nas necessidades e desejos dos(as) jovens e adolescentes, ao pensar-se a intervenção neste grupo.

Referências bibliográficas

- BOLETIM INFORMATIVO DST/AIDS. Diretoria de epidemiologia e vigilância Sanitária; Diretoria executiva de epidemiologia, programa estadual DST/Aids. Secretaria de Saúde – PE. Jan/Abr. 2000. Ano II, nº 1.
- DUBEUX, C. R. Quando o assunto é sexo. Dissertação de mestrado em Antropologia – UFPE. Recife, 1998. 158p.
- ENDERLE, C. Psicologia da Adolescência – uma abordagem pluridimensional. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1998.
- HEIBORN, M.L. “Construção de si, gênero e sexualidade”. In: HEIBORN, M.L.(org). Sexualidade: O olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- PARKER, R. e BARBOSA, M. (orgs) Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIAS/MS/UERJ, 1996. 235p.
- PCN - Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436p.
- PIROTTA, Kátia Cibelle Machado. Não há guarda-chuvas contra o amor: estudo do comportamento reprodutivo e de seu universo simbólico entre jovens universitários da USP – Faculdade de Saúde Pública, 2002.
- RIBEIRO, Marcos (org.). Educação sexual: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosas dos tempos, 1993. 413 p.

REIS, A.O.A. O discurso da saúde pública sobre a adolescente grávida. Avatares. São Paulo, 1993.

SILVA, M. S. & SILVA, M. R. Tecendo a vida fio a fio. E a sexualidade também? Artigo publicado no XVI Congresso Brasileiro de Economia Doméstica, Guarapari, ES.2003.

